

Espaço e grupos sociais na virada do século XXI

Eduardo Cesar Marques

Este trabalho tem por objetivo apresentar informações recentes sobre a distribuição dos grupos sociais no espaço da região metropolitana de São Paulo¹, com especial ênfase em situações de pobreza e vulnerabilidade social. Como veremos, o estudo utiliza informações do Censo de 2000 para delimitar os diversos grupos sociais presentes no espaço metropolitano. As informações mostram a existência de vários grupos sociais substancialmente diferentes em São Paulo, incluindo inúmeras situações distintas de pobreza e vulnerabilidade social. Essa diversidade se expressa em termos dos conteúdos sociais dos vários grupos sociais e também da sua distribuição no tecido metropolitano. A configuração espacial resultante é substancialmente mais intrincada e complexa do que sugere a literatura, permitindo que discutamos e recoloquemos vários elementos presentes nos estudos urbanos.

Sob o ponto de vista das políticas públicas, o artigo leva a considerar que as estratégias de provimento devem ser espacializadas, tanto para políticas universais, quanto para políticas não universais, como será mais detalhado no último capítulo desse livro. Apenas a precisa identificação dessa heterogeneidade social permitirá que as políticas públicas enfrentem a questão da pobreza de forma eficaz, o que pressupõe o desenvolvimento de estudos com informações desagregadas espacialmente em grau elevado de detalhes.

A metodologia adotada ao longo do Capítulo se baseia em análise quantitativa e no uso de Sistema de Informação Geográfica (SIG), de forma a captar ao mesmo tempo a complexidade das situações de destituição social e a sua distribuição detalhada no espaço. Em termos de metodologia e hipóteses de pesquisa, seguimos o caminho de uma investigação realizada por nós para a Secretaria de Assistência Social do Município de São Paulo (CEM, 2003 e Torres e Marques, 2002). Aquele outro trabalho partiu de informações do questionário do universo do censo por setor censitário e objetivou delimitar situações de vulnerabilidade que incidissem especialmente sobre crianças e jovens, de forma a auxiliar a implementação das políticas de assistência da Prefeitura de São Paulo. O exercício apresentado aqui, diferentemente, utiliza um

¹ Na verdade, a análise se restringe à mancha urbana conurbada, que envolvia em 2000 os 21 municípios mais significativos demograficamente, incluindo 91,4 % da população total da região.

conjunto de variáveis mais amplo originário da amostra do Censo Demográfico, tentando dar conta de forma mais abrangente da distribuição dos grupos sociais no espaço.

Iniciamos o capítulo pela descrição geral da análise realizada, para na seção seguinte apresentar a distribuição dos grupos no espaço.

1. Desigualdades sociais e espaciais na metrópole paulistana

De forma a caracterizar as várias situações sociais na metrópole, manipulamos em um sistema de informações um conjunto de variáveis da amostra do Censo Demográfico para 758 áreas de ponderação da região metropolitana de São Paulo no ano de 2000. Este método, ao permitir a desagregação das informações, evita que incorramos nos problemas associados com médias de áreas heterogêneas, como os distritos censitários, (Marques e Bitar, 2002). As áreas de ponderação apresentam grau de detalhe muito menor do que os setores censitários (21.000 para a região metropolitana em 2000), mas muito maior do que a dos municípios (39) ou distritos (162). A opção pelas áreas de ponderação (em detrimento dos setores) teve por objetivo incorporar dimensões sociais associadas a variáveis presentes apenas na amostra, como ocupação, raça e origem migratória. Assim, para tentar captar as várias características dos grupos sociais, inclusive as múltiplas dimensões da pobreza, combinamos variáveis ligadas à renda e à escolaridade, à migração recente, às taxas de desemprego, à inexistência de infra-estrutura urbana, à presença de pretos e pardos e às taxas de crescimento demográfico.

O resultado final da análise é a descrição muito detalhada da distribuição espacial dos grupos sociais, mostrando a existência de vários tipos de situações de pobreza. Os resultados dessa estratégia analítica confirmam os resultados anteriores, assim como nossas premissas sobre a heterogeneidade social de inúmeros espaços considerados como periferias homogêneas. Esse resultado apresenta grande importância para além do debate sobre a “conjuntura social metropolitana”, visto que tem consequências diretas sobre várias políticas públicas executadas em nossas cidades. Os principais elementos desse exercício são apresentados a seguir.

Como indicado na introdução, este não é o primeiro exercício deste tipo em que nos engajamos. Em Torres e Marques (2002) e Cem (2003) realizamos o mesmo tipo de análise com os setores censitários de 2000, incluindo apenas variáveis do questionário

do universo do Censo Demográfico. Submetemos as informações² a análise fatorial e obtivemos dois fatores associados a dimensões de privação (incluindo basicamente renda e escolaridade do chefe e densidade domiciliar) e ciclo de vida familiar (incluindo basicamente estrutura etária). O cruzamento dos fatores demonstrou a existência de várias situações socialmente vulneráveis, e nos levou a criar oito grupos de setores censitários, utilizando análise de cluster. Dentre estes, três apresentavam características sociais muito vulneráveis, mas diferentes entre si: o primeiro grupo tem renda e escolaridade baixíssimas e alta presença de crianças; o segundo inclui espaços com população de renda, escolaridade e estrutura etária baixas; e um terceiro grupo congrega setores com pessoas de renda e escolaridade baixíssimas, elevada presença de crianças e jovens e muitas mulheres chefes de domicílios com baixa escolaridade. Assim como aqui, a distribuição espacial destes grupos também apresentou complexidade bastante grande, sugerindo a existência de um tecido metropolitano mais heterogêneo do que o descrito pela literatura.

Embora os resultados do presente trabalho sejam plenamente compatíveis com os encontrados naquele exercício, algumas diferenças e desenvolvimentos devem ser destacados. A divulgação das informações da amostra do Censo Demográfico em período recente nos incentivou a repetir o exercício utilizando a unidade de análise da área de ponderação, de forma a incorporar novas informações extremamente relevantes para a descrição dos grupos sociais e da sua situação, como cor da pele, desemprego, migração e crescimento demográfico. Se o abandono dos setores censitários apresenta como principal vantagem incluir estas informações, tem como desvantagem com relação ao exercício anterior a perda de informações referentes a áreas muito pequenas ou de tamanho reduzido e conteúdos muito diferentes do entorno. Consideramos que a utilização das novas variáveis compensa esta desvantagem.³

No presente exercício, também iniciamos por desenvolver análises fatoriais e de cluster automáticas utilizando um pacote estatístico (Spss). A análise envolveu

² As variáveis que ficaram no modelo foram: % de chefes de domicílio analfabetos; % com escolaridade primária; número médio de anos de estudo do chefe; renda média do chefe; % dos chefes com renda média inferior a 3 salários mínimos; idade média do chefe, número médio de habitantes por domicílio; % de crianças de 0 a 4 anos na população; % de adolescentes de 15 a 19 anos na população e % de mulheres chefes com no máximo educação fundamental. Para maiores detalhes, ver Cem (2003).

³ Com relação ao exercício realizado anteriormente, a utilização das áreas de ponderação não permitiu delimitar um dos tipos de vulnerabilidade de condições sociais muito precárias e distribuição espacial muito pulverizada, provavelmente de tamanho inferior ao das áreas de ponderação. Ver Cem, 2003. Em Torres e Marques (2001) denominamos esta situação de hiperperiferia.

inúmeras variáveis, sendo algumas retiradas da análise ao longo do trabalho.⁴ Os resultados da análise forma os seguintes:

- Foram introduzidas, mas depois foram retiradas da análise: Proporção de adolescentes de 15 a 19 anos na população total; Proporção de indivíduos com idade superior a 65 anos na população total; Proporção de mulheres chefes de domicílio com escolaridade igual ou menor do que o primeiro ciclo do ensino fundamental no total dos chefes; Proporção de não naturais do estado; Proporção de domicílios com abastecimento de água em rede geral; Proporção de domicílios com banheiro.
- Permaneceram até o fim da análise: renda domiciliar média mensal; anos médios de estudo do chefe; densidade média do domicílio (habitantes/domicílio); proporção de crianças de 0 a 4 anos de idade na população total; proporção de domicílios sem esgoto; taxa de crescimento populacional da área 1991 a 2000;⁵ número médio de banheiros por habitante; número médio de habitante por cômodo e número médio de habitantes por domicílio; proporção de migrantes nordestinos chegados a menos de 10 anos no estado; proporção de pretos e pardos; taxa de desemprego.

A análise fatorial resultou em dois fatores que explicam 84,5% da variabilidade total. Estes dois fatores foram interpretados como associados a dimensões de pobreza/riqueza e crescimento urbano, considerando a sua correlação com as variáveis originais. A análise dos fatores e das correlações entre as variáveis originais indicou que estes dois fatores seriam representados principalmente pelas variáveis rendimento médio mensal e taxa de crescimento demográfico. Este resultado indica que o conjunto de variáveis sócio-econômicas introduzidas na análise apresenta variação, em termos estatísticos, apenas em duas dimensões, e que estas poderiam ser utilizadas como “variáveis-síntese” das informações originais.

Com os fatores já construídos, demos sequência à aplicação da metodologia com o desenvolvimento da análise de cluster. Após várias tentativas, entretanto, não conseguimos chegar a resultados confiáveis de agrupamentos de áreas de ponderação partindo dos fatores.⁶ Decidimos então submeter os dados a uma análise de cluster não automática. O pressuposto básico deste procedimento é a evidência

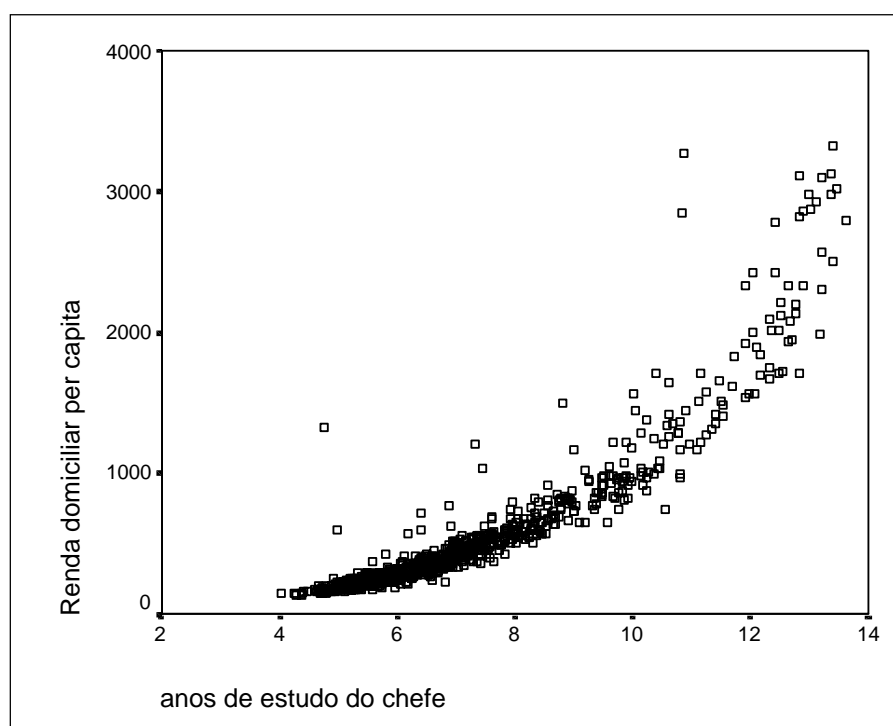
⁴ Basicamente por apresentarem comunalidades baixas.

⁵ Para a construção dessa variável, realizamos a compatibilização cartográfica entre as bases de 1991 e 2000, agregando os setores de 1991 de forma idêntica às áreas de ponderação de 2000.

⁶ Uma das razões principais para a diferença com relação ao exercício anterior (Cem, 2002), está na mudança na unidade espacial de análise para as áreas de ponderação.

empírica de que as duas variáveis citadas acima expressam conjuntos de fenômenos altamente associados a elas em termos estatísticos (já comprovado pela análise fatorial). Apenas a título de ilustração, apresentamos a seguir o cruzamento destas variáveis com outras presentes na amostra do Censo. O Gráfico 1 a seguir apresenta o cruzamento entre o rendimento per capita médio e a escolaridade média dos chefes de domicílio nas áreas de ponderação.

Gráfico 1. Renda e escolaridade nas áreas de ponderação



Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE, 2000.

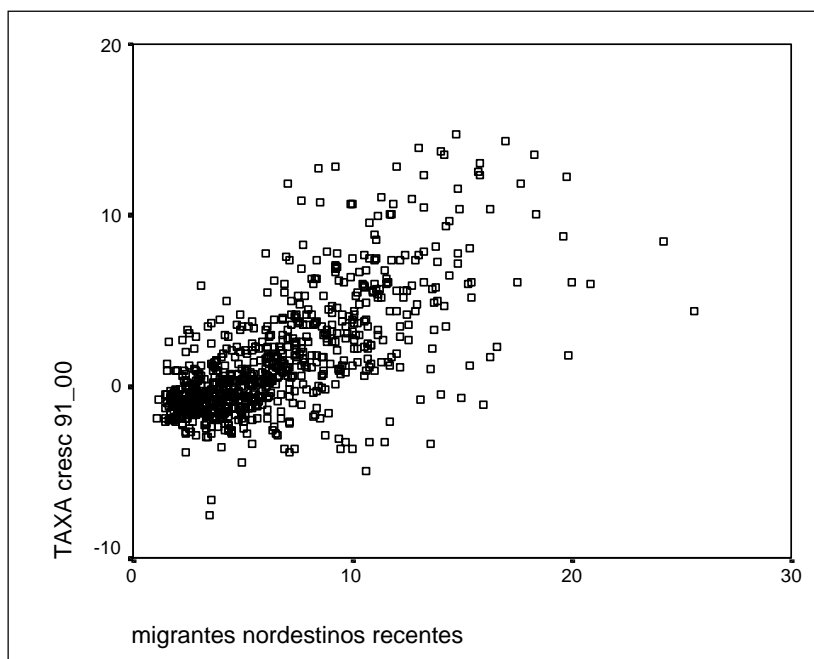
Como podemos ver, as duas variáveis se encontram altamente associadas entre si (R^2 de 0,91 %). Dito de outra forma, aparentemente seria possível considerar que esses dois fenômenos – a distribuição das rendas e das escolaridades – expressam uma única dimensão social. O gráfico também mostra que a metrópole é altamente desigual em termos sócio-econômicos, se observarmos a alta variação das rendas per capita médias e das escolaridades média entre as várias áreas de ponderação em 2000 – entre quase zero e mais de R\$ 3.000 na renda e entre 4 e 14 anos de estudo, na escolaridade. Se repetíssemos o exercício com inúmeras outras variáveis também correlacionadas com a renda, obteríamos resultados similares.⁷ Por outro lado, os

⁷ Dentre elas destacamos densidade domiciliar; cômodos por habitante; banheiros por habitante; taxa de desemprego; proporção de pretos e pardos e proporção da população com idade entre 0 e 4 anos, entre outras.

pontos discrepantes estão associados a áreas que apresentam rendas mais elevadas, considerando as suas escolaridades, do que seria de se esperar pelo comportamento geral dos pontos. Dito de outra maneira, a renda tende a ser mais distribuída espacial e socialmente do que a escolaridade.⁸

De forma similar, a variável taxa de crescimento está fortemente associada com informações relativas à precariedade urbana e a padrões recentes de ocupação, como a proporção de migrantes recentes e as coberturas por serviços de esgotos. O Gráfico 2 a seguir ilustra essa relação. Como podemos ver há associação entre as taxas de crescimento e a proporção da população das áreas de ponderação que migrou do nordeste nos últimos 10 anos, embora a correlação seja mais fraca que a anterior (R^2 de 0,68 %). O Gráfico também mostra a grande diferença entre as áreas em termos migratórios recentes e em taxas de crescimento. Os valores mais elevados são os que chamam mais a atenção, sendo que há um número expressivo de áreas de ponderação com proporções de migrantes recentes do Nordeste superiores a 15 %, assim como várias áreas com taxas de crescimento superiores a 10 % aa. Em sua maioria essas áreas apresentavam contingentes populacionais muito pequenos em 1991. No próximo Capítulo, Haroldo Torres 4 retornará a esse ponto em detalhes, destacando o crescimento demográfico recente na chamada fronteira metropolitana.

Gráfico 2: Taxa de crescimento e migração por área de ponderação



⁸ No Capítulo 3, Haroldo Torres voltará a esse ponto, acrescentando a evidência de que a segregação dos rendimentos cresceu mais do que a segregação da escolaridade.

Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE, 2000.

A partir das duas variáveis escolhidas demos início à análise de cluster. Essa análise tem por objetivo dividir um conjunto de objetos em estudo em subgrupos que diferem entre si segundo os seus conteúdos. Essa técnica é usada comumente, para produzir tipologias de cidades baseadas em variáveis econômicas e demográficas, por exemplo (Marques e Arretche, 2004). Essa técnica é particularmente útil para o estudo de áreas urbanas, como o da região metropolitana de São Paulo, tanto para estudos acadêmicos, quanto para o planejamento e a execução de políticas públicas (CEM, 2003 e Torres e Marques, 2002). Uma vez escolhidos os conteúdos a serem levados em conta na análise, o universo dos casos é dividido em grupos de grande homogeneidade interna e alta heterogeneidade entre agrupamentos. O número de variáveis incluídas na análise evidentemente influencia o número de grupos que podem ser criados, especialmente quando se utilizam procedimentos manuais, como no estudo seguinte.

Em nosso caso, utilizamos as variáveis apontadas pela análise fatorial anterior (renda domiciliar e taxas de crescimento demográfico) para delimitar nossos grupos. O exercício tenta capturar a diversidade da região metropolitana em um número relativamente pequeno de agrupamentos, de forma a tornar a análise mais simples, sem com isto perder a complexidade dos grupos sociais presentes na metrópole.

O universo das áreas de ponderação foi classificado segundo os quintis das distribuições das duas variáveis, delimitando diferentes combinações entre as variáveis. A análise resultou na delimitação de grupos com situações socialmente distintas no espaço metropolitano paulistano. Maiores detalhes da análise são apresentados no Anexo 2 ao final desse capítulo.

A análise gerou os 10 grupos apresentados na Tabela 1 a seguir. Como podemos ver, a população dos grupos varia bastante (entre 160 mil e 3,3 milhões e entre 9 e 168 áreas), mas mesmo o menor grupo inclui uma população de tamanho expressivo.

Tabela 1: Grupo de áreas de ponderação

Grupos	População	Domicílios	No de áreas de ponderação
1	3.130.249	812.313	135
2	2.519.271	690.478	105
3	1.516.073	408.186	64
4	1.019.352	276.916	43
5	1.735.361	485.044	78
6	3.321.056	964.117	168
7	1.468.915	451.270	73
8	826.933	271.951	45
9	683.159	238.808	38
10	162.895	50.538	9
Total	16.383.264	4.649.620	758

Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

As características dos grupos são discutidas a seguir. As informações completas referentes aos indicadores por grupo são apresentadas no Anexo 1 ao final deste Capítulo.

Grupo 1 – Este grupo inclui a população mais pobre, menos escolarizada e com mais alto desemprego da metrópole. A presença de mulheres chefes de baixa escolaridade é praticamente idêntica à da média da região, o que sugere que esse grupo não é caracterizado pelo tipo de vulnerabilidade capturada por esse indicador. O grupo apresenta a mais expressiva população preta e parda e nordestina da metrópole, inclusive em termos recentes (neste caso a taxa é o dobro da metrópole). A população do grupo apresenta a estrutura etária mais jovem da metrópole, as piores condições urbanas (36% sem esgoto e 17,5% das pessoas morando em setores subnormais) e está explodindo demograficamente (7,8%aa). O grupo incluía 3,1 milhões de habitantes em 2000. Denominamos este grupo de: muito pobres em intensa expansão ou **periferia de fronteira**.

Grupo 2 – O grupo é composto por uma população muito pobre, muito pouco escolarizada. Merece destaque a presença de pretos e pardos e nordestinos, assim como uma estrutura etária muito jovem e submetida a alto desemprego. Em termos gerais, as características são similares às do grupo anterior, mas melhores. O grupo apresenta uma participação de mulheres chefes de baixa escolaridade mais elevada do que no grupo anterior. As condições urbanas são muito precárias (cerca de 25 % dos domicílios não estão ligados à rede de esgotos) e a população do grupo está em crescimento (2,7%aa). Vale destacar que a presença de moradores de setores subnormais é inferior tanto à do grupo anterior quanto à do próximo grupo. O

grupamento inclui 2,4 milhão de pessoas e foi denominado de “muito pobres em área precária em crescimento” **ou periferia em crescimento**.

Grupo 3 – A população do grupo é muito pobre, muito pouco escolarizada e apresenta presença relativa muito elevada de pretos e pardos, embora os nordestinos migrados recentemente estejam presentes apenas um pouco mais relativamente do que à média da metrópole. O grupo tem a mais alta proporção de mulheres chefes de baixa escolaridade da metrópole (14,2%) e muitas crianças e jovens, embora em proporção inferior à dos grupos anteriores.⁹ As condições urbanas são quase iguais às médias da metrópole no que diz respeito ao acesso às redes de esgotos, mas muito piores no que diz respeito à população habitando setores subnormais (16,3%, o que representa a segunda maior proporção). O grupo conta com uma população de cerca de 1,5 milhões e não apresenta quase crescimento algum (0,4 %aa). Denominamos o grupo de “muito pobres em área precária, mas consolidada” **ou periferia estabilizada**.

Em 2000, os três grupos anteriores conformavam o que classicamente se denomina de periferia, sendo a terceira estabilizada, a segunda em lento crescimento e a primeira em intensa expansão. Todas as características sociais melhoram à medida que se passa do primeiro para o segundo e deste para o terceiro.

Grupo 4 – Este grupo abriga uma população menos pobre e mais escolarizada do que a dos grupos anteriores. Apresenta relativamente menos desempregados e menos pretos, pardos e nordestinos do que nos três primeiros grupos, mas em proporções próximas à média metropolitana. Em termos etários, inclui uma população mais jovem do que o conjunto da metrópole e bastante similar à do grupo 1. Em termos de composição social, as principais diferenças (ainda com relação ao grupo 1) são a menor presença de pretos e pardos e a renda mais elevada. As condições urbanas são bastante precárias, mas melhores do que as dos grupos de 1, 2 e 3. Entre 1991 e 2000, a população desse grupo apresentou crescimento intenso, em média (3,5 %aa). O conjunto destas características nos leva a afirmar que o grupo se encontra em lugar intermediário entre os grupos sociais muito pobres descritos anteriormente e os de classe média baixa que se seguem, mas talvez tenha maior relação com estes últimos.

⁹ Considerando a estrutura etária muito jovem, a presença mais elevada de mulheres chefes de baixa escolaridade não pode se dever a uma presença especialmente elevada de idosas chefes de família, mas deve mesmo estar relacionado a uma proporção mais intensa de famílias com apenas um provedor adulto. De qualquer forma, a variação nesta variável entre grupos não é muito significativa, embora seja suficiente para contribuir para diferenciar os grupos de pobres entre si.

A renda média, por exemplo, é de 2,5 salários mínimos, mais próxima dos 3 salários do próximo grupo, do que dos 1,8 salários do grupo anterior.¹⁰

O grupo incluía 1 milhão de habitantes em 2000. Considerando os seus indicadores, denominamos o grupo de “classe média baixa pobre em crescimento em áreas precárias”.

Grupo 5 – Esse agrupamento apresenta condições próximas à do anterior, embora melhores. O grupo abriga menos pretos e pardos e nordestinos, inclusive recentes, mas mesmo assim estas proporções são inferiores às médias da metrópole. Aliás, exceto pela renda e a escolaridade, as médias da metrópole se situam entre o grupo anterior e este agrupamento, quase sempre um pouco piores do que as deste grupo.¹¹ A população do grupo se encontra em leve crescimento (0,6% aa) e incluía 1,7 milhão de pessoas em 2000. A partir desses indicadores, denominamos o grupo de “classe média baixa em crescimento”.

Grupo 6 – O grupo apresenta renda e escolaridade próximas às médias da região, mas valores um pouco melhores do que o conjunto da metrópole nos demais indicadores. Sua população é menos negra e nordestina do que a média do município, e muito menos do que a dos grupos anteriores. A estrutura etária é levemente mais velha que a média metropolitana e as condições de moradia são boas ao muito melhores que as médias. O grupo sofreu perda demográfica significativa na década (-1,2% aa) e incluía 3,3 milhões de pessoas em 2000. Embora os indicadores sejam um pouco melhores do que os do grupo anterior de uma forma geral, a principal diferenciação está na ausência de crescimento demográfico. Denominamos o grupo de “classe média baixa em esvaziamento”.

Grupo 7 – Este grupo apresenta características substancialmente melhores do que as do grupo anterior na maior parte dos indicadores. Em termos de renda, escolaridade e estrutura etária, assim como em vários indicadores de precariedade, o grupo se encontra muito mais próximo dos grupos que se seguem (8 a 10) do que dos anteriores. As condições urbanas são substancialmente melhores do que as metropolitanas. Note-se, entretanto, que a população em setores subnormais é ligeiramente superior à do grupo anterior, em termos proporcionais. O grupo não apresentou crescimento na década (-0,02% aa) e incluía 1,4 milhões de habitantes. Denominamos o grupo de “classe média sem crescimento”.

¹⁰ Todas as informações de rendimento consideram o salário mínimo vigente em julho de 2000 – R\$ 151,00.

¹¹ Considerando que a renda e a escolaridade são muito concentradas, a tendência é que as médias se situem significativamente desviadas para as faixas mais elevadas, razão pela qual nesse caso os grupos 4 e 5 não as envolvem.

Grupo 8 – Este grupo apresenta uma população com alta renda e elevada escolaridade (o dobro da média metropolitana na renda domiciliar e quase o triplo na renda per capita). Há pequena presença de pretos e pardos (um terço da média metropolitana) e nordestinos e estrutura etária mais velha do que a média. Em termos urbanos o grupo apresenta excelentes condições e intenso processo de decréscimo populacional (-1,3% aa). O grupo inclui 800 mil habitantes e foi denominado de “classe média-alta em esvaziamento”.

Grupo 9 – O grupo inclui a população com a mais elevada renda e escolaridade da metrópole, além dos melhores indicadores sociais da região. Embora mais próximos dos dois grupos anteriores do que dos demais, o grupo delimita uma população muito mais rica do que as dos anteriores, assim como com estrutura etária substancialmente mais velha. A população do grupo sofreu intensa queda na década (-1,8% aa) e inclui cerca de 680 mil habitantes. O grupo foi denominado por nós de “classe alta em esvaziamento”.

Grupo 10 – A população do grupo é bastante próxima à do anterior, delimitando, portanto, um grupo social rico e com alta escolaridade, pouco preto, pardo ou migrante. Entretanto, algumas diferenças deve ser destacadas. Em primeiro lugar, a estrutura etária tende a ser muito mais jovem do que dos três grupos anteriores (da classe média, média-alta e alta), guardando similaridades com os grupos da classe média-baixa em termos etários (5 e 6). Além disso, e esta é a distinção mais importante, o grupo apresenta indicadores urbanos muito piores do que os das classes média e alta – 10 % da população em setores subnormais, 4,6% de domicílios sem esgotos – além de apresentar crescimento demográfico expressivo (2,6% aa). O grupo inclui 160 mil habitantes e foi denominado de “classe alta em áreas de expansão”. Como será destacado no Capítulo 9, as áreas desse grupos representaram alguns dos principais territórios da expansão imobiliária para alta renda na cidade nas últimas décadas.

A Tabela 2 a seguir sumariza os grupos sociais presentes em 2000 na metrópole paulistana.

Tabela 2: Resumo dos grupos

Grupos	População	Características principais
1	3.130.249	muito pobres com muito baixa escolaridade, muitos pretos e pardos e migrantes nordestinos recentes, péssimas condições urbanas e altíssimo crescimento
2	2.519.271	muito pobres, muito baixa escolaridade, muitos pretos e pardos e migrantes nordestinos recentes, condições urbanas ruins e alto crescimento
3	1.516.073	muito pobres, muito baixa escolaridade, muitas mulheres chefes com baixa escolaridade, condições urbanas médias e sem crescimento
4	1.019.352	Classe média baixa pobre com baixa escolaridade, condições urbanas e alto crescimento
5	1.735.361	classe média baixa pouco preta, parda e migrante, com condições urbanas boas e com crescimento lento
6	3.321.056	classe média baixa pouco preta, parda e migrante, com condições urbanas boas e sem crescimento
7	1.468.915	classe média, pouco preta, parda e migrante e sem crescimento
8	826.933	classe média alta muito pouco preta, parda e migrante e em esvaziamento
9	683.159	classe alta muito pouco preta, parda e migrante e em esvaziamento
10	162.895	classe alta jovem muito pouco preta, parda e migrante e em crescimento
Total	16.383.264	

Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

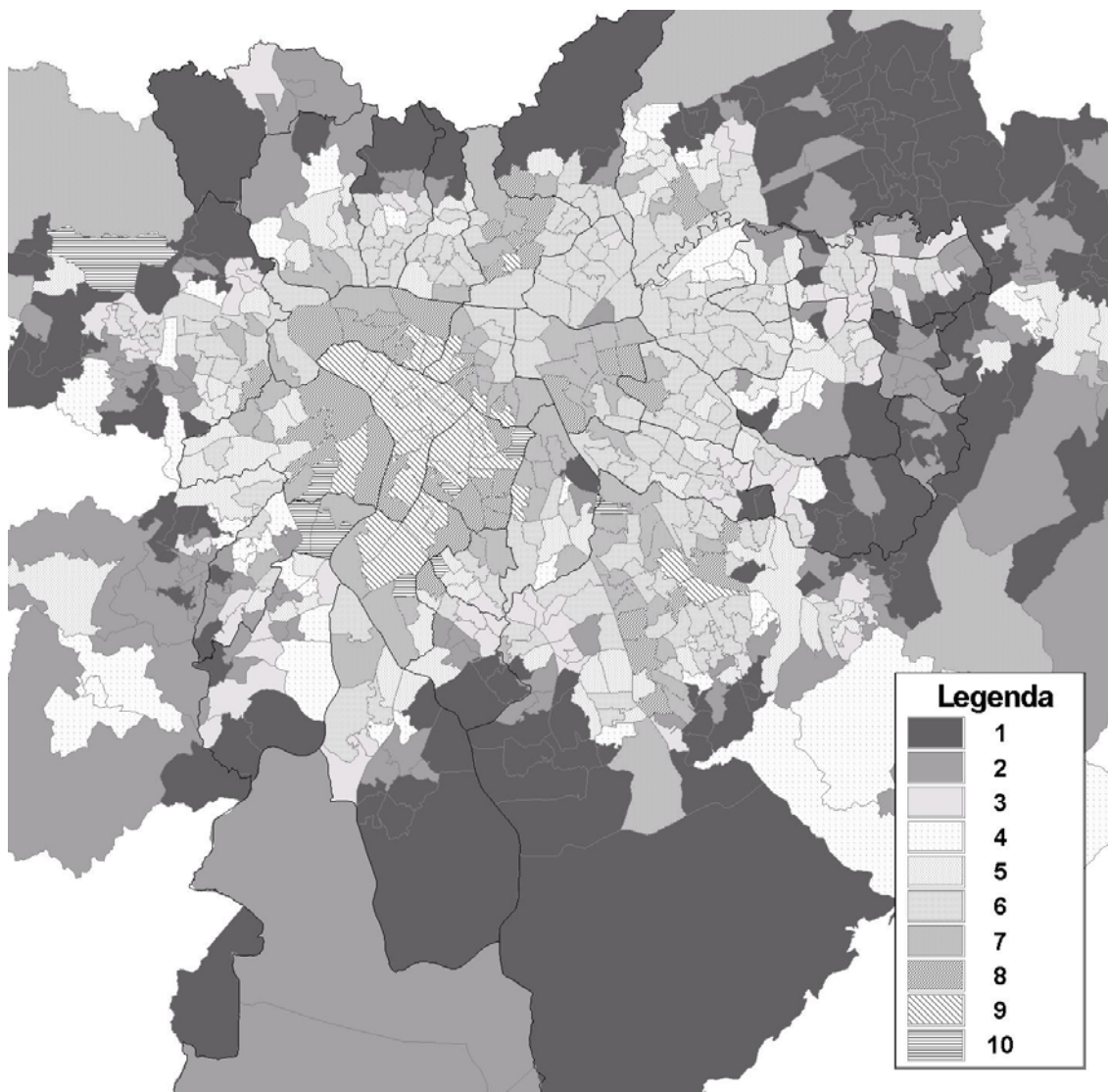
2. Os grupos no espaço

Os resultados desta análise de agrupamentos sugerem que a região metropolitana de São Paulo é ocupada por vários grupos sociais muito distintos entre si. Isto vale para os grupos sociais mais ricos, incluídos em 3 grupos com características diferentes, para os mais pobres, descritos por outros 3 grupos, assim como para a classe média incluída em 4 agrupamentos. Os resultados reforçando a hipótese inicial levantada no capítulo anterior que sustentava a existência de várias formas de pobreza. Nos capítulos que se seguem, veremos que quando incorporamos outras dinâmicas sociais, esta complexidade tende a crescer ainda mais, tornando o efeito de superposição entre heterogeneidade e cumulatividade muito complexos.

Entretanto, como já discutido no capítulo precedente, a caracterização dos grupos sociais não pode ser feita apenas a partir de suas características sociais. Como sabemos, a localização de cada grupo social no espaço lhe confere diferentes oportunidades em termos de acesso ao mercado de trabalho, a amenidades, e às políticas estatais, como veremos em detalhes ao longo do livro. De forma similar, a localização no espaço define o impacto sobre os habitantes de diversos elementos ambientais negativos aos quais os moradores da cidade estão sujeitos (também de forma desigual), como riscos ambientais, homicídios e violência, poluição etc. Por esta razão, analisamos a seguir a distribuição espacial de nossos 10 grupos.

O Mapa 1 a seguir apresenta a distribuição dos grupos de áreas de ponderação no espaço metropolitano, tendo os limites municipais como referência.

Mapa 1 – Distribuição dos grupos



Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

Observemos primeiramente a estrutura geral da distribuição espacial. Como podemos ver, os grupos de menor renda e escolaridade – 1, 2 e 3 tendem a se localizar na porção externa da região, assim como os grupos de melhores condições sociais e urbanas – 8, 9 e 10 – tendem a se localizar na porção interior e central da metrópole. Este comportamento geral está plenamente de acordo com várias das correntes dos estudos urbanos citados no capítulo precedente que sustentam a existência de uma estrutura radial e concêntrica dos grupos sociais nas grandes cidades brasileiras. Essa

estrutura também é coerente com o que sabemos a respeito das ações do poder público e dos produtores privados de loteamentos populares. Entretanto, uma análise mais detida do Mapa indica que esta descrição geral é, na melhor das hipóteses, uma aproximação genérica, tanto da caracterização social, quanto da distribuição espacial dos grupos sociais. Isto porque, por um lado, podemos observar várias centralidades dos grupos mais bem posicionados na estrutura social e, por outro, a distribuição dos grupos mais pobres nas regiões periféricas se apresenta bastante complexa e heterogênea, inclusive com a presença mesclada no espaço de grupos de renda média e mesmo alta.

O Mapa ainda nos apresenta inúmeros elementos localizados importantes. Dentre eles merecem destaque:

1) No que diz respeito ao grupo 9, que se situa no topo dos indicadores sociais, embora encontremos uma localização predominante no setor sudoeste, há descontinuidades importantes, além de pelo menos duas outras localizações com conteúdos sociais similares – na zona Norte, no centro do bairro paulistano de Santana – e a sudeste, no município de Santo André no ABC paulista. Isto significa que, quando os dados são desagregados espacialmente, embora encontremos uma concentração dos grupos mais bem situados socialmente em uma porção da cidade, como sustenta Villaça (2000), esta não é única, e podemos observar vários territórios não contíguos também ocupados por tais grupos de altas condições sociais.

Esta dimensão é reforçada se observamos a distribuição do grupo 8, caracterizado por nós de classe média alta e também situado no topo dos indicadores sociais (por exemplo, a renda domiciliar média do grupo é de R\$ 4.300,00, ou 28,5 salários mínimos). Como podemos ver no Mapa, áreas deste grupo se localizam junto à maior concentração de ricos no setor sudoeste, inclusive ligando algumas áreas isoladas deste grupo, mas também ocupam porções junto às outras centralidades já destacada em Santana e em Santo André. Além disto, surgem novas centralidades de classe média alta no centro do município de Guarulhos, a norte, no centro da zona leste do município de São Paulo e no centro do município de São Bernardo do Campo a sudeste. Todas estas áreas são desconectadas entre si em termos territoriais.

Por fim, se analisamos o grupo 10, que tem conteúdos similares de classe alta ao grupo 9 (a renda domiciliar média do grupo é de R\$ 6.000,00, por exemplo), a idéia da existência de uma única centralidade da elite fica ainda mais problemática. Uma parte das áreas deste grupo se situa junto ao aglomerado já destacado do setor sudoeste. Entretanto, encontramos áreas com estes conteúdos no extremo noroeste da região – área correspondente a alguns dos condomínios destacados por Caldeira (2000), assim

como uma área no município de São Caetano do Sul no ABC paulista (onde se localizam também condomínios fechados), entre outros.¹²

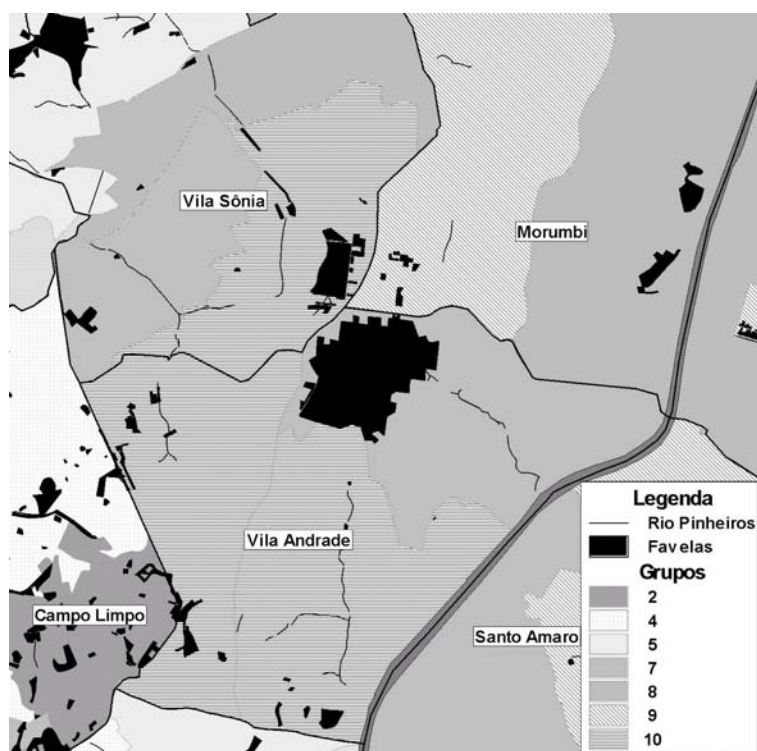
No Capítulo 9, aonde analisamos a dinâmica imobiliária para alta renda, voltaremos a esse ponto, mas vale adiantar aqui que há importantes aglomerados de lançamentos de alto padrão nas regiões do ABC paulista destacadas acima, assim como nas regiões de Santana e no início da Zona Leste do Município de São Paulo (nos bairros do Tatuapé, Vila Formosa e Mooca).

Um outro elemento merece destaque com relação ao grupo 10. Usualmente se sustenta que as porções centrais da metrópole se encontram em intenso processo de desocupação e são habitadas por famílias ricas e de estrutura etária mais velha. Os conteúdos sociais do grupo 10 e a sua localização no Mapa 1 sugerem que esta descrição é válida apenas de forma genérica, e que quando desagregamos a informação demográfica, encontramos famílias ricas mais jovens ocupando áreas relativamente centrais e em processo de intenso crescimento. Estas áreas representam a expansão da região habitada prioritariamente pelos grupos sociais mais ricos, mais longe naquela direção, assim como a sul (nos bairros de Moema e Vila Mascote) e a sudeste (na Vila Mariana, entre o Parque da Aclimação e a Av. Ricardo Jafet). No Mapa podemos observar a existência de três áreas de ponderação classificadas como grupo 10 a sudoeste do chamado centro expandido da cidade. Apresentamos um detalhe da região no Mapa 2 a seguir, para aumentar a visibilidade.

Estas áreas expressam uma continuação da ocupação do bairro do Morumbi em direção ao bairro do Campo Limpo. Esta ocupação é estruturada pela Av. Giovanni Gronchi que se inicia ao norte nas divisas dos grupos 9 e 10 e segue ao sul entre as áreas classificadas como 10. As três áreas apresentam taxas de crescimento superiores a 1,5% aa e a situada entre a avenida e a Marginal do Rio Pinheiros (o rio que corta o mapa no sentido norte-sul) cresceu à impressionante taxa de 7,8% aa. É interessante observar que embora sejam vendidas pelo mercado imobiliário como Morumbi, se situam nos Distritos de Vila Sônia e Vila Andrade, e quase inteiramente na subprefeitura do Campo Limpo. A grande maioria dos lançamentos na região apresenta padrão muito elevado e preços muito altos.

¹² Vale dizer que pelo tamanho e pelo desenho das áreas de ponderação no extremo noroeste da região, é provável que haja grupos sociais com conteúdos similares ao grupo 10 inseridos em áreas predominantemente pobres, “diluindo” o fenômeno e fazendo aparecer artificialmente áreas de classe média.

Mapa 2 – Detalhe do setor sudoeste



Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

Como podemos ver, embora esta região contenha várias favelas, a de maior importância – Paraisópolis, se situa entre estas áreas e a Marginal do Rio Pinheiros, em uma área de ponderação classificada como grupo 7, de classe média. Muito provavelmente trata-se de um efeito de combinação da favela e do tecido social circundante, produzindo artificialmente uma área de ponderação de classe média. Se os dados da amostra fossem desagregados, provavelmente observaríamos dos grupos - um similar ao grupo 10 e outro de conteúdos pobres e pouco escolarizados.¹³

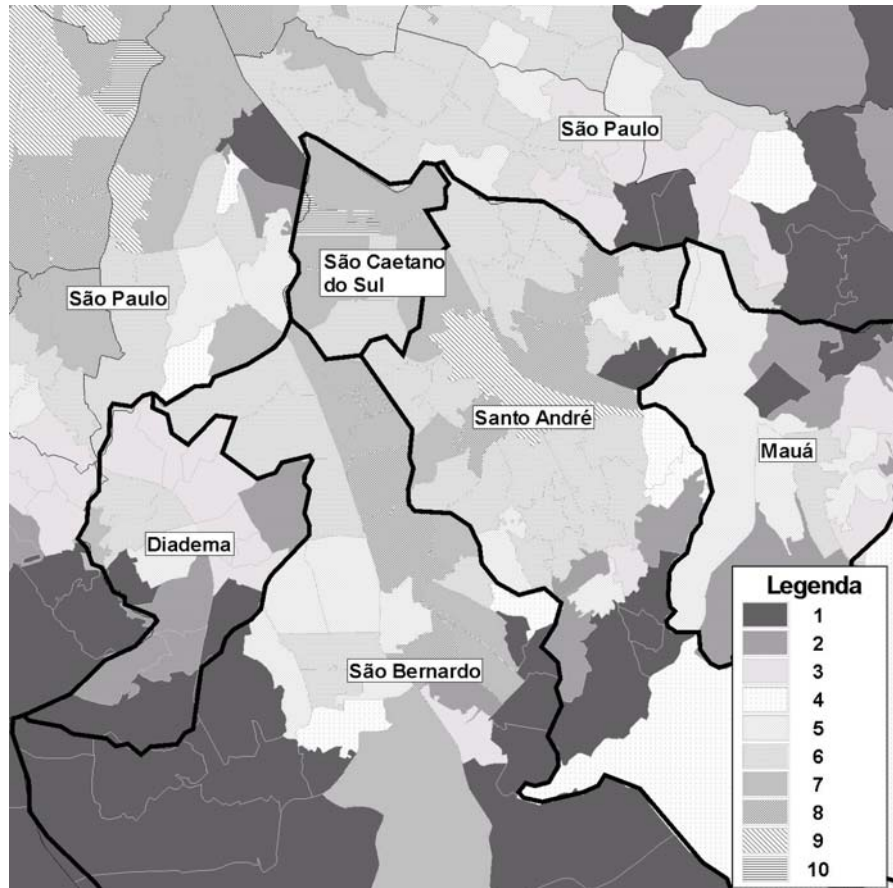
O conjunto destas informações sugere que quando os dados sócio-econômicos são tratados de forma detalhada e desagregada, mesmo a descrição da literatura sobre a distribuição espacial da população de mais alta renda precisa ser relativizada.

2) O grupo de classe média (7) se localiza junto aos grupos citados anteriormente, criando em alguns casos ligações entre eles, como na zona leste do município de São Paulo e no ABC paulista em direção a Santo André e São Bernardo, assim como em áreas contíguas a eles, como em Guarulhos e em Santana. Entretanto, grupos com estas características se localizam em vários outros locais,

¹³ A taxa de crescimento composta da área de ponderação foi de 8,4% aa.

inclusive na borda externa da região.¹⁴ O Mapa 3 a seguir apresenta a região em detalhe, ilustrando esse efeito.

Mapa 3 – Detalhe da região do ABC



Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

Como podemos ver, algumas áreas do grupo 7 no ABC se localizam ao longo de linhas (associadas aos eixos de transporte) que ligam as áreas dos grupos 9 e 10 da região com as do centro expandido. Junto a elas podemos observar a existência de extensas áreas de classe média-baixa (grupos 5 e 6). Entretanto, a distribuição dos grupos não é uniforme ou hierárquica e o tecido urbano se encontra “invertido” de inúmeras formas.

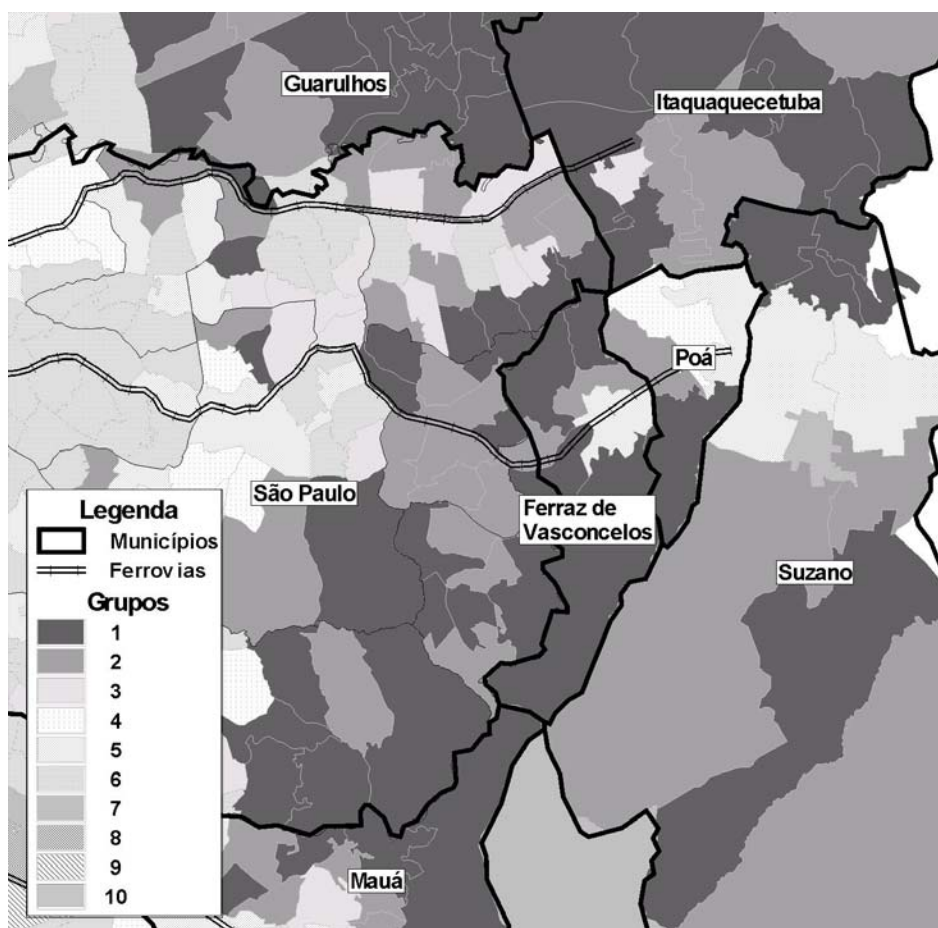
3) Os grupos de classe média baixa (5 e 6) tendem a preencher os espaços entre os grupos acima na porção interna da metrópole. Apesar disto, há áreas importantes localizadas em regiões externas da metrópole com os conteúdos sociais destes

¹⁴ Este resultado pode ser produzido por um problema dos dados utilizados. Ao menos para duas áreas de ponderação localizadas nos extremos nordeste e noroeste este fato pode se dever ao tamanho das áreas e à sua heterogeneidade interna.

grupos. Este fenômeno tem relação ao mesmo tempo com ocupações recentes de renda mais elevada em áreas periféricas e com a presença de núcleos urbanos mais antigos ligados aos centros dos municípios e às estações de trem.

Destacamos nesta condição as regiões no extremo leste, no município de Suzano, a sudoeste no município de Embu e a Noroeste no município de Barueri. O Mapa 4 a seguir apresenta um detalhe da primeira região. Como podemos ver, áreas significativas dos municípios de Poá, Ferraz de Vasconcelos e Suzano apresentam concentrações dos grupos 5 e 6 e no Município de Suzano podemos encontrar um núcleo de classe média (7).¹⁵

Mapa 4 – Detalhe da região Leste



Fonte: elaboração própria a partir das áreas de ponderação do Censo de 2000.

¹⁵ A partir do leste este eixo de ocupação é ligado à cidade pela avenida Marechal Tito, pela Estrada São Paulo-Mogi e depois pelas Avenidas Major Pinheiro Froes e Jorge Bei Maluf. Poá e Itaquaquetuba contém as últimas estações ferroviárias dos trens de integração metropolitana em direção à capital.

4) De uma forma geral, os grupos de piores condições tendem a se localizar nas áreas externas da metrópole. Entretanto, podemos observar inúmeros casos de espaços interpenetrados e descontinuidades - a leste, a noroeste e no extremo sudoeste. A distribuição destes grupos sugere uma estrutura muito mais intrincada e complexa, em um mosaico de grupos, como podemos ver no Mapa anterior.

Uma das tendências gerais presente é que o grupo 1, que apresenta taxas de crescimento extremamente elevadas, se localize em áreas bastante externas. Entretanto, são várias as exceções à regra. Em primeiro lugar, há uma área com estes conteúdos que se localiza dentro do município de São Paulo, junto à divisa com o município de Diadema. Trata-se de uma parte da favela Heliópolis. Entretanto, a maior parte da favela se localiza nas áreas de ponderação dos grupos 2 e 4 contíguas. De forma similar, a maior parte da área classificada como 1 não se localiza na favela, mas entre esta e a divisa municipal.

Em várias regiões da zona Leste (junto ao Parque do Carmo, junto à divisa de Guarulhos e mais ao sul, em Sapopemba), assim como nas regiões oeste e sudoeste, podemos encontrar áreas classificadas como grupo 1 alternadas com áreas dos grupos 2 a 5. Dito de outra forma, nem sempre as áreas que explodem se localizam nos extremos da mancha urbana, embora normalmente se localizem em áreas tradicionalmente consideradas como periféricas. O mesmo poderia ser dito sobre a localização das áreas classificadas como 2, 3 e 4.

De uma forma geral, portanto, para além da já destacada heterogeneidade das situações de pobreza, podemos observar uma intensa complexidade na localização dos grupos pobres. Em áreas usualmente consideradas simplesmente como precárias e homogêneas, os Mapas indicam a existência de espaços marcados por inversões e misturas com conteúdos sociais distintos. Não queremos dizer com isto que os padrões de segregação tradicionais já destacados por inúmeros autores tenham desaparecido. A ampla predominância dos grupos mais pobres nas áreas periféricas comprova a existência de intensos processos de segregação, como analisaremos inclusive nos capítulos que se seguem. Entretanto, mesmo nos atendo apenas à distribuição dos grupos sociais no espaço, a periferia é mais complexa do que usualmente se afirma. Ao invés de periferia, talvez seja mais apropriado falar de periferias, como sugerido por David Vetter há muito tempo atrás sobre o Rio de Janeiro (Vetter, 1980) e como reafirmado recentemente por Valladares e Preteceille (2000) sobre as favelas cariocas.

Sumarizando...

Neste capítulo sustentamos a natureza heterogênea da pobreza na cidade de São Paulo. Esta heterogeneidade tem uma primeira dimensão social, expressa no fato que há grupos pobres e de baixa escolaridade com conteúdos sociais distintos entre si. Para comprovar esta hipótese, analisamos indicadores sociais construídos a partir das informações das áreas de ponderação do Censo Demográfico de 2000. Uma análise fatorial indicou a existência de duas grandes dimensões na massa de dados, passíveis de expressão pelas variáveis rendimento e taxa de crescimento demográfico. Em um segundo momento, as áreas de ponderação foram submetidas a uma análise de agrupamentos a partir destas duas variáveis-síntese, delimitando 10 grupos com conteúdos sociais distintos.

A heterogeneidade, entretanto, tem uma segunda dimensão associada ao espaço metropolitano. A distribuição destes grupos sociais no espaço não corresponde a uma das descrições que classicamente a literatura sustenta e, apenas em sentido geral, os grupos sociais se organizam espacialmente de forma radial e concêntrica. Nesse particular, quando realizamos uma análise mais detida, inúmeros elementos merecem destaque. Em primeiro lugar, a metrópole inclui importantes espaços de ocupação predominante por grupos ricos em espaços de intenso crescimento, com estrutura etária relativamente jovem, e localizados em regiões consideradas tradicionalmente como periféricas. Como veremos no Capítulo 9, esses espaços representam as principais áreas de expansão da produção imobiliária de grande porte na cidade.

Por outro lado, e esse elemento tem relação direta com as periferias, os espaços ocupados pelos grupos mais pobres tendem a ser substantivamente heterogêneos. Nesse particular, a observação do Mapa 1 sugere a existência de espaços periféricos bastante complexos, nos levando a destacar a existência de periferias, ao invés de periferia. Como veremos no Capítulo 6, mesmo as favelas tendem a ser heterogêneas social e economicamente.

Como já destacado no capítulo anterior, esta heterogeneidade tem importantes conseqüências para as políticas públicas. Ao contrário de se construírem políticas genéricas de elevação dos patamares de equipamentos e promoção de melhores condições de vida, é necessário analisar detalhadamente os conteúdos das várias periferias e desenhar políticas apropriadas às necessidades de cada grupo social e local específico. Apenas assim será possível construir políticas ao mesmo tempo universais e eficazes. Por outro lado, como será desenvolvido no último Capítulo, se estas tarefas forem bem executadas, o desenvolvimento de estratégias espaciais para

as políticas sociais tende a ser extremamente profícuo, facilitando, ou pelo menos tornando mais explícitas as nossas “escolhas trágicas” (Santos, 1987).

Anexo 1

Tabela 3: Características sociais gerais

grupos		renda/hab. (S.M. 2000)	renda domiciliar (S.M. 2000)	anos estudo chefe	de do	Taxa de desemprego %	% mulheres chefes com baixa escolaridade	% negro e pardos	% migrantes nordest. recent.	% não naturais
1	média	1,4	5,4	5,42		25,19	11,98	45,57	11,66	42,05
	desvio	0,3	1,0	0,55		2,98	1,91	6,63	3,67	5,03
2	média	1,6	6,1	5,64		23,84	13,40	43,27	8,59	36,79
	desvio	0,3	1,1	0,45		3,19	1,57	6,69	3,30	5,34
3	média	1,8	6,7	5,83		22,71	14,23	40,61	7,15	34,99
	desvio	0,2	0,7	0,37		2,70	1,56	7,86	2,41	5,71
4	média	2,5	9,3	6,75		20,91	11,64	34,09	7,74	34,60
	desvio	0,3	0,9	0,54		4,38	1,95	7,43	3,31	7,94
5	média	3,0	10,7	7,16		18,88	12,58	28,82	5,27	28,48
	desvio	0,7	2,2	0,60		2,74	1,68	6,67	2,03	5,19
6	média	3,4	11,7	7,50		17,18	13,56	22,26	4,21	24,49
	desvio	0,8	2,6	0,76		3,04	1,87	7,44	2,32	6,20
7	média	5,6	18,1	9,06		15,32	10,66	17,26	5,14	27,06
	desvio	1,1	3,2	1,19		8,38	2,16	10,53	3,90	16,14
8	média	9,4	28,5	10,82		11,58	8,01	10,38	3,39	22,37
	desvio	3,1	9,5	1,16		5,37	2,26	7,27	1,61	6,28
9	média	15,2	43,3	12,51		8,17	4,46	6,57	3,44	24,56
	desvio	3,4	9,0	0,68		1,56	1,75	1,92	0,93	4,63
10	média	12,5	40,1	11,41		9,92	5,25	11,90	5,08	24,47
	desvio	3,7	12,2	1,14		2,89	2,06	8,37	4,11	6,14
Total	média	3,9	12,7	7,30		19,33	11,93	30,12	6,71	31,31
	desvio	3,7	10,4	2,09		6,29	3,04	14,67	4,05	10,04

Tabela 4: Estrutura etária e características habitacionais e urbanas

grupos		% pop 0 a 4 anos	% da pop. 5 a 9 anos	% pop.10 a 14 anos	% pop. 0 a 14 anos	% pop.15 a 19 anos	% pop. 65 anos e mais	% pop. em subnormais	% dom. sem esg.	hab./dom.	banh./hab.	com./hab.	% cresc 91_00 aa (*)
1	Média	11,79	10,89	10,59	33,28	10,50	2,17	17,53	35,74	3,85	0,29	1,41	7,82
	desvio	1,11	0,83	0,57	2,18	0,49	0,56		22,78	0,10	0,07	0,17	3,47
2	média	10,74	9,94	10,13	30,81	10,73	2,95	14,92	25,98	3,79	0,33	1,49	2,71
	desvio	0,85	0,65	0,51	1,75	0,51	0,68		20,60	0,11	0,07	0,14	0,85
3	média	9,80	9,16	9,63	28,59	10,64	3,70	16,29	15,56	3,71	0,36	1,57	0,44
	desvio	0,81	0,65	0,47	1,72	0,48	0,89		15,79	0,08	0,06	0,12	0,68
4	média	9,55	9,07	9,59	28,22	10,31	3,60	10,57	20,54	3,68	0,41	1,84	3,45
	desvio	0,80	0,64	0,60	1,68	0,55	0,88		19,49	0,10	0,08	0,17	2,23
5	média	8,47	8,13	8,92	25,52	9,95	5,21	9,22	12,01	3,57	0,47	2,01	0,60
	desvio	0,84	0,68	0,65	1,97	0,64	1,24		10,64	0,11	0,08	0,22	0,41
6	média	7,10	6,96	8,02	22,08	9,38	8,13	3,53	5,16	3,42	0,55	2,21	-1,19
	desvio	1,18	0,91	0,78	2,70	0,74	2,44		5,78	0,18	0,14	0,32	0,91
7	média	6,57	6,44	7,34	20,35	8,64	9,48	4,48	5,88	3,19	0,84	2,92	-0,02
	desvio	1,84	1,56	1,40	4,66	0,99	3,81		13,50	0,37	0,45	0,71	2,79
8	média	5,03	5,18	6,31	16,52	8,03	11,67	1,67	2,00	3,02	1,11	3,66	-1,25
	desvio	0,85	0,85	0,98	2,49	0,84	2,57		2,80	0,34	0,51	0,80	1,29
9	média	4,16	4,30	5,34	13,80	7,33	14,25	0,66	1,50	2,84	1,50	4,45	-1,76
	desvio	0,53	0,58	0,75	1,76	0,67	2,42		2,78	0,26	0,43	0,57	0,82
10	média	7,00	6,72	7,52	21,24	8,35	6,75	9,99	4,59	3,19	0,85	3,62	2,62
	desvio	1,74	1,34	0,90	3,78	0,98	3,37		5,29	0,28	0,32	0,65	2,03
Total	média	8,62	8,21	8,78	25,61	9,72	6,05	10,11	15,64	3,52	0,55	2,16	2,12
	desvio	2,55	2,14	1,68	6,28	1,19	4,02		19,37	0,35	0,39	0,91	9,37

(*) No cálculo da taxa média dos grupos 1 e 2, foram excluídas as informações de 4 áreas de ponderação como valores muito elevados.

Anexo 2 - Metodologia

Como já comentado no corpo do capítulo, iniciamos o trabalho submetendo o conjunto de variáveis retiradas da amostra do Censo a técnicas de análise fatorial e de cluster. Os resultados do cluster não foram satisfatórios, mas sugeriram a existência de duas dimensões associadas a privação social e a crescimento demográfico. Em seguida utilizamos apenas cluster com variáveis escolhidas (taxa de crescimento, renda, % da população de 0 a 4 anos), mas os resultados também não foram satisfatórios. Decidimos então lançar mão de uma análise de cluster não automática, construída a partir da distribuição das duas variáveis consideradas chave para as duas dimensões sociais presentes nos dados: renda média per capita e taxa de crescimento 1991-2000.

Usamos os quintis das distribuições das variáveis como limites de classe, construímos variáveis ordinais associadas às distribuições. Os níveis destas variáveis podem ser interpretados como:

- Renda: muito baixa, baixa, média, alta e muito alta;
- Taxa de crescimento: muito negativa, negativa, baixa, alta e muito alta.
- A observação da distribuição dos casos pelo cruzamento destas variáveis (em tabelas de dupla entrada), sugeriu que colapsássemos as faixas “muito negativa” e “negativa”.

Após várias tentativas, chegamos à constituição de 10 grupos de áreas de ponderação com características distintas, apresentadas na descrição dos grupos e nas tabelas de 2 a 4.

Bibliografia

- ALESP. *Cadernos do Fórum São Paulo: Século XXI*. São Paulo: ALESP, 2000.
- BERCOVICH, A., MADEIRA, F. e TORRES, H. "Descontinuidades demográficas". In: Seade. *20 anos no ano 2000: estudos sociodemográficos sobre a juventude paulista*. São Paulo: Seade, pp. 2-13, 1998.
- BLAIKIE, P. et alii. *People at risk: natural disasters, people's vulnerability and disasters*. London: Routledge, 1994.
- BONDUKI, N e ROLNIK, R. "Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho". In: Maricato, E. (org.). *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) do Brasil Industrial*. São Paulo: Alfa-ômega, 1982.
- BRANDÃO, M. Origens da expansão periférica em Salvador. In: *Planejamento, Vol. 6(2)*, 1978.
- BRIGGS, X. *Ties that bind, bridge, and constrain: social capital and segregation in American Metropolis*. Trabalho apresnetado no International Seminar on Segregation and the City. Boston: Lincoln Institute of Land Policy, julho, 2001.
- BUSSAB, W. et alii. *Introdução à análise de agrupamentos*. São Paulo, Associação Brasileira de Estatística, (9º Simpósio Brasileiro de Probabilidade e Estatística), 1990.
- CALDEIRA, T. *Cidade dos muros*. São Paulo: ed. 34 Letras, 2000.
- Centro de Estudos da Metrópole (CEM). *Mapa da vulnerabilidade social e do déficit de atenção a crianças e adolescentes em São Paulo*. São Paulo: relatório de pesquisa, 2003.
- Chinelli, F. "Os loteamentos da periferia". In: Valladares, L. (org). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- Cunha, J.M.P. e Torres, H.G. *Estimativas populacionais para pequenas áreas a partir do uso de fotografia aérea. Uma aplicação para o município de Campinas*. Trabalho apresentado no IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP: xerox, 1994.
- Debraj, R. *Development Economics*. New Jersey: Princeton University Press, 1998.
- Erikson, R. "Descripciones de la desigualdad: el enfoque sueco de la investigación sobre el bienestar". In: Nussbaun, M. e Sen A. (org.) *La calidad de vida*. México, Fondo de Cultura Económica e The United Nations University, 1998.
- Evans, T. e Moran, E. Spatial integration of social and biophysical factors related to land cover change. In: Lutz, W.; Prskawetz A. e Sanderson, W. "Population and Environment: Methods of analysis". In: *Population and Development Review, suplemento ao vol. 28*, p. 165-186, 2002.
- Fainstein, S.; Gordon, I. e Harloe, M. *Divided cities: New York and London in the contemporary world*. London: Blackwell Pub, 1992.
- Fix, M. *Parceiros da exclusão*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- Fotheringham, S. e Rogerson, P. (org.) *Spatial analysis and GIS*. London: Taylor & Francis, pp. 121-145, 1994.
- Goodchild, M., Steyaert, L. e Park, B. (org.) *Environmental Modeling: Progress and Reserarch Issues*. Fort Collings: GIS World Books, pp. 191-195, 1996.
- Goss, J. "We know who you are and we know where you live: the instrumental rationality of geodemographic systems". In: *Economic Geography, vol.71, n.2*, 1995.
- Hewitt III, M. "Risk and hazard modeling". In: Goodchild, M., Park, B. e Steyaert, L. (org.) *Environmental modeling with GIS*. New York: Oxford University Press, pp. 317, 1993.

- Johnson, A., Petterson, C. e Fulton, J. *Geographic Information Systems and Mapping: practices and standards*. Philadelphia: ASTM, 1992.
- Kowarick, L. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Kowarick, L. "O Preço do Progresso: Crescimento econômico, pauperização e espoliação urbana". In: Moisés, J. (org). *Cidade, Povo e Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/CEDEC, 1982.
- Kowarick, L. (org.) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- Kowarick, L. "Investigação urbana e sociedade". In: Reis, E.; Almeida, M.H. e Fry, P. *Pluralismo, espaço social e pesquisa*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1995
- Maricato, E. *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Marques, E. e Arretche. "Condicionantes Locais da Descentralização das Políticas de Saúde" In: *Revista CRH, no prelo, 2004*.
- Marques, E. e Bichir, R. "Investimentos públicos, infra-estrutura urbana e produção da periferia em São Paulo". In: *Revista Espaço e Debates, No 42, 2002*.
- Marques, E.; Torres, H. e Saraiva, C. "Favelas no Município de São Paulo: estimando a sua presença para os anos de 1991, 1996 e 2000". In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos, Vol 5, No 1, 2003*.
- Nussbaun, M. e Sen, A. "Introducción". In: *La calidad de vida*. México, Fondo de Cultura Económica e The United Nations University, 1998.
- Perillo, S. e Perdigão, M. *Cenário migratórios recentes em São Paulo*. Trabalho apresentado no XI Encontro da Abep, 1998.
- Preteceille, E. e Valladares, L. *Favelas no plural*. Trabalho apresentado no XXIII Encontro da Anpocs, 1999.
- Rejeski, D. "GIS and risk: a three-culture problem". In: Goodchild, M., Park, B. e Steyaert, L. (org.) *Environmental modeling with GIS*. New York: Oxford University Press, pp.318-331, 1993.
- Rocha, S. "Renda e pobreza: os impactos do plano Real". In: IPEA. *Textos para discussão N.439*. Rio de Janeiro: www.ipea.gov.br, 1996.
- Rolnik, R. *A cidade e a Lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel/Fapesp, 1997.
- Rubalcava R. e Ordaz, J. "Población prioritária em zonas marginadas". In: Garza, G. (org.) *Atlas demográfico de México*. Cidade do México: Conapo-Progres, p.39-83, 1999.
- Sampaio, M. "O papel da iniciativa privada na formação da periferia paulistana". In: *Espaço e Debates, 37, 1994*.
- Santos, C. "Voltando a Pensar em Favelas por Causa das Periferias". Rio de Janeiro: mimeo, 1975.
- Santos, C. "Velhas novidades nos modos de urbanização brasileiros". In: Valladares, L. (org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- Santos, C. "Loteamentos na periferia metropolitana". In: *Revista de Administração Municipal, Ano 32, No 174, 1985*.
- Santos, C. e Bronstein, O. "Meta-urbanização - o caso do Rio de Janeiro". In: *Revista de Administração Municipal, Ano 25, No 149, 1978*.
- Fundação Seade. *Pesquisa de Condições de Vida: uma abordagem multissetorial*. São Paulo: Fundação Seade, 1992.

- Stren, R. (org.) *Urban research in the developing world – Latin America*. Toronto: Center for Urban and Community studies, 1995.
- Sydesntricker-Neto, J. "Population and environment in Amazônia: from just the numbers to what really counts". In: Hogan, D., Berquó, E. e Costa H. *Population and Environment in Brazil*. Campinas: CNPD, ABEP, NEPO, p. 55-76, 2002.
- Taschner, S. e Bógus, L. "A cidade dos anéis: São Paulo". In: Queiroz, L. (org.) *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000.
- Torres, H. *Social policies for the urban poor: the role of population information*. UNFPA Country Support Team for Latin America and the Caribbean - Working Papers Series CST/ LAC Nº 24, 2002.
- Torres, H. *Desigualdade ambiental em São Paulo*. Campinas: IFCH, Tese de doutorado, 1997.
- Torres, H. e Coelho, G. *Primary education and residential segregation in the Municipality of São Paulo: a study using geographic information systems*. Trabalho apresentado seminário "Segregation in The City" realizado no Lincoln Institute of Land Police, 2001.
- Torres, H. e Marques, E. "Reflexões sobre a hiperferiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno metropolitano". In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, No 4*, 2001.
- Torres, H. e Marques, E. *Information Systems for Social Policies: The Case of São Paulo's Metropolitan Area*. Trabalho apresentado no seminário do "UNFPA Country Support Team for Latin America and the Caribbean" realizado na Cidade do México, 2002.
- Valladares, L. e Preteceille, E. 2000. "Favela, favelas: unidade ou diversidade da favela carioca". In: Queiroz, L.C. *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. Rio de Janeiro: Observatório/Ed. Revan/Fase.
- Vetter, D.; Massena, R. e Rodrigues, E. "Espaço, valor da terra e equidade dos investimentos em infra-estrutura no Município do Rio de Janeiro". In: *Revista Brasileira de Geografia, Vol 41(1-2)*, 1979.
- Villaça, F. "Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira". In: Souza M. (org.) *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo, Cedesp, 1999.
- Worral, L. (org.) *Spatial analysis and spatial policy using GIS*. London: Belhaven Press, 1991.
- Worral, L. (org.) *Geographic information systems: development and applications*. London: Belhaven Press, 1990.